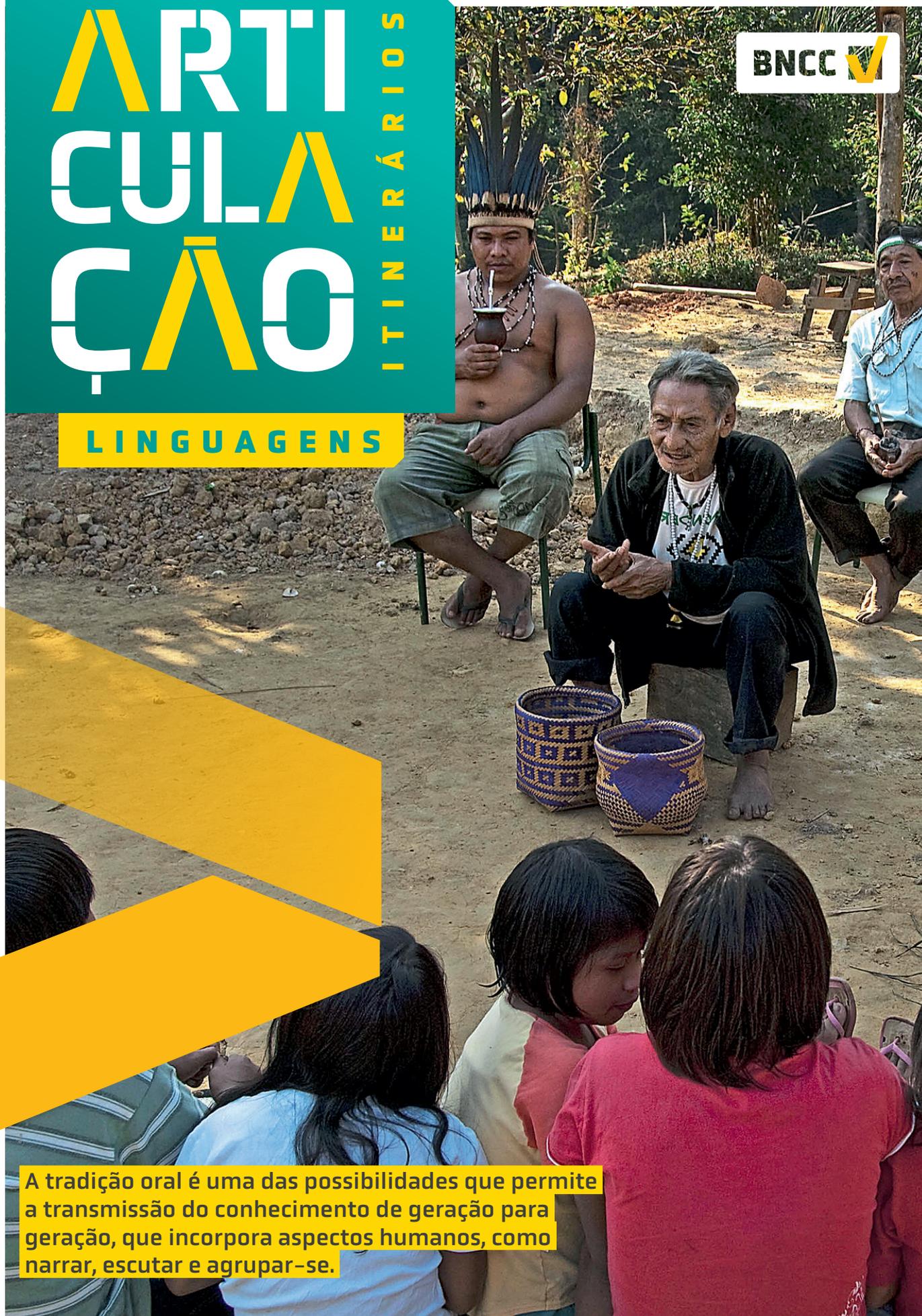


ARTICULAÇÃO

ITINERÁRIOS

LINGUAGENS

BNCC ✓



A tradição oral é uma das possibilidades que permite a transmissão do conhecimento de geração para geração, que incorpora aspectos humanos, como narrar, escutar e agrupar-se.



Poética indígena: um ensaio sobre as origens da poesia

Em suas vestimentas e com seus instrumentos tradicionais, índios da etnia Pataxó se preparam para suas atividades diárias, como dança, caça e pesca.

Milton Sgambatti Júnior

[...]

Para os Mbya Guarani não há muita diferença entre tocar um instrumento rudimentar, um violino, ou tomar um banho de rio. O barulho das águas é o primeiro som que nasce em sua cultura e seu corpo, o primeiro instrumento musical com o qual têm contato. Caminhar é uma arte, acender o fogo é uma arte, mantê-lo aceso é uma arte, brincar no rio, pela manhã, é uma arte, enfim, viver na cultura Mbya Guarani é fazer arte.

Para falar, é preciso um motivo, mais que um motivo, um objetivo; nesse momento, o de proferir palavras, a questão é a expressão e não a comunicação. O que importa é a qualidade de chama do som, a qualidade de água do som, a qualidade de flor do som, a qualidade de cheiro do som. O som deve ser um nascimento, como um Sol, como uma flor.

Muitas de suas palavras vêm acompanhadas de som e de dança; os Mbya Guarani e a realidade são uma coisa só: suas palavras se transformam em cantos mágicos que fazem o objeto, não representam ou falam sobre ele, mas são a sua própria essência por meio de uma poesia que *ainda* não diferencia música, ritmo, som, dança e palavra.

Ao proferir ou ouvir essas palavras, podemos “vê-las” transformarem-se em corpos tangíveis, com a qualidade da música e da dança associadas a elas e podemos sentir essa transformação. A qualidade dessa materialização faz o objeto aparecer em cada um dos que tomam contato com essa arte poética por meio do movimento e da dança, mesmo que não haja contato visual com o momento poético. É fácil perceber e sentir a presença do ser/ente no lugar e no momento em que a música e a dança se fazem presentes pela palavra. Ao ouvir ou participar de um canto Mbya Guarani é como se um rio passasse por nosso corpo fazendo-nos sentir a poesia e nos purificando com suas águas.

Uma das fantásticas sensações que se tem ao tomar contato com a kosmofonia Mbya Guarani é a de descobrir que eles ainda não conhecem a linguagem poética porque nunca conheceram outra linguagem que não fosse a linguagem poética.

Identidade poética

Conheça um pouco do universo musical indígena por meio da transmídia (livro e áudio) *Cantos da floresta*:



<http://ftd.li/9zosrf>

Ao cantar seus rituais sagrados, as crianças, os anciãos, os indefesos, protegem uns aos outros, cantando sempre belas palavras por cada um deles. A magia da palavra e seu poder não são desprezados, mas transmitidos por gerações com a espontaneidade de algo realmente natural.

A cada noite os Mbya Guarani lançam suas palavras ao céu para que no dia seguinte elas atinjam outros Mbyas Guaranis e os inundem de um frescor, de um alívio para suas angústias.

Cantar à noite a poesia aprendida durante o dia para que ela se perpetue e volte para todos como uma brisa de conhecimento e um frescor que alivia seus corações, orienta e limpa os caminhos do próximo dia de Ñamandu (Deus Primeiro). Essa tarefa diária dos Mbya Guarani faz lembrar os ensinamentos e preceitos do filósofo e matemático grego Pitágoras, nesse momento tão distante e tão próximo de nossos índios.

[...]

SGAMBATTI JÚNIOR, Milton. Poética indígena: um ensaio sobre as origens da poesia. **Fronteiras**, v. 3, n. 3, set. 2009. Disponível em: http://www4.pucsp.br/revistafrenteiras/numeros_anteriores/n3/download/pdf/poetica_indigena.pdf. Acesso em: 12 nov. 2019.

Na kosmofonia, cada som tem seu lugar e forma poética, desde o canto dos pássaros até a queda-d'água do rio mais próximo.





Aldeias indígenas próximas às cidades urbanas, ou mesmo dentro delas, ficam marginalizadas e são prejudicadas pelas obras de infraestrutura nos entornos, que retraem suas terras, secam as nascentes e destroem o bioma da região.

> A literatura indígena não é subalterna

Daniel Munduruku

A escrita é uma novidade para os povos indígenas brasileiros. Se lembrarmos que as primeiras escolas legitimamente sediadas em aldeias só foram instaladas após a aprovação da nova Constituição Brasileira, vemos um dos principais motivos por que isso é assim: os povos indígenas sempre foram considerados em transição, ou seja, estiveram numa posição de inferioridade com relação aos demais brasileiros.

[...]

É aqui que se inscreve a literatura indígena. Longe de estar ocupando um espaço largo na memória nacional, ainda tateia procurando seu lugar de pertencimento no cenário literário brasileiro. Isso acontece especialmente porque o lugar da escrita não costuma permitir que aventureiros ali se instalem, diferentemente de outras artes. Não, não quero depreciar o que cada arte produz, mas dizer que a literatura, para ser reconhecida como tal, passa por um crivo crítico que vai além do gosto popular. Até muito pouco tempo atrás era comum pessoas dizerem que não existia literatura indígena porque os nativos não dominavam a escrita e seu instrumento preferencial era a oralidade. Alguns especialistas chegavam a dizer que um indivíduo indígena, ao escrever, deixava de ser indígena, porque isso é incompatível com sua tradição oral. Ainda hoje pesquisadores jovens que tentam estudar essa literatura em seu mestrado ou doutorado encontram forte resistência entre os orientadores, por estes não aceitarem a existência de tal literatura como objeto de pesquisa. Menos ainda quando a escrita da qual aqui se fala é a infantojuvenil, segmento pouco considerado pela dita literatura canônica e que tem sido a porta de entrada de escritores indígenas na sociedade brasileira.

De qualquer modo, há uma literatura escrita por indígenas; há uma identidade nessa produção literária; há uma demanda crescente por esse tipo de escrita. Isso é um fato notado a partir dos últimos 20 anos. É uma produção voltada para crianças e jovens, sim; comprometida com a conscientização da sociedade brasileira sobre os valores que os povos originários carregam consigo apesar dos cinco séculos de colonização.

Com o acesso às tecnologias, foi criada a primeira rádio indígena do Brasil, a Rádio Yandê:



<<http://ftd.li/w28zx2>>

Qual é o tamanho dessa literatura? É bem difícil precisar dados concretamente, mas podemos afirmar que há cerca de 40 autores autodenominados indígenas que estão produzindo material literário com alguma regularidade. Pertencem a pelo menos 20 povos diferentes e são oriundos de quase todas as regiões brasileiras. Estima-se algo em torno de 120 títulos, em sua maioria voltados para o público infantil e juvenil, mas há também literatura adulta, acadêmica, paradidática, história em quadrinhos e até audiolivros. Alguns publicam por grandes selos editoriais, outros fazem autopublicação; há os que conseguem publicar por meio de programas universitários ou grupos de pesquisa. As organizações não governamentais também são responsáveis pela edição e pela publicação de muitos títulos, que por vezes são distribuídos gratuitamente por aldeias, escolas e universidades.

[...]

Parte dessa ruptura está sendo quebrada pela significativa participação de representantes indígenas nos vários eventos literários no Brasil e no exterior e também pela crescente atenção dada ao fenômeno da literatura indígena, tema que vem sendo discutido nos vários grupos de pesquisa que surgiram no país nos últimos anos. [...]

[...]

MUNDURUKU, Daniel. A literatura indígena não é subalterna. **Itaú Cultural**, 16 mar. 2018. Disponível em: <www.itaucultural.org.br/a-literatura-indigena-nao-e-subalterna>. Acesso em: 12 nov. 2019.



Com a criação das escolas, e a efetiva alfabetização e letramento dos povos originários, a produção literária indígena é intensificada.



Poesia indígena e a tradição oral

Ayrton Andress de Paula Chaves

As diferentes tradições

Uma das premissas de qualquer sociedade humana é a transmissão do conhecimento através de gerações, seja ele de cunho religioso, medicinal, cultural, empírico ou científico. Situar-se em uma comunidade ou em um grupo carrega consigo uma história que supera a existência individual: trata de inserir-se numa história coletiva e significar a vida para além do imediato, relacionar-se com algo que surge anterior à existência pessoal e que continuará existindo após o seu fim. A tradição oral é uma das possibilidades que permite a transmissão do conhecimento de geração em geração, que incorpora aspectos humanos, como narrar, escutar e agrupar-se. Em oposição à tradição escrita, mesmo que não sejam excludentes, a tradição oral favorece certa proximidade corpórea, em que o narrar se aglutina ao contato próximo e à vida em sociedade, enquanto a tradição escrita favorece uma leitura que amalgama um nível maior de distância, considerando que o livro é um objeto concebido superando a existência do autor, perpassando o tempo e o corpo. As duas se sobrepõem, por exemplo, em um momento de leitura em grupo, em voz alta, em que os aspectos das tradições se envolvem em um único ato.

Por meio dos rituais, rodas de contação de história e danças, os conhecimentos são passados de geração em geração.



A tradição oral pressupõe um interlocutor presente, seja uma pessoa, um grupo de pessoas ou um interlocutor possível, como no caso de tradições religiosas. Para algumas religiões indígenas, a natureza é um interlocutor e as palavras são um meio de diálogo, de uma maneira que criam uma relação de totalidade com o mundo, em que o corpo e a voz são parte da natureza e não um contraponto a ela, refletindo também outra perspectiva em relação ao ser no mundo: proferir a palavra é a maneira de se situar em uníssono com a vida, unindo-se ao vento, ao fremir das águas e a cada animal em sua individualidade. É com essa perspectiva, uma de muitas, que podemos nos aproximar da literatura de povos originários e observar a forma com que outras culturas se integram ao mundo: sendo parte dele em sua plenitude, superando barreiras entre o humano e o mundo, integrando-se ao todo.

A natureza, em toda sua beleza e imponência, tem papel preponderante na criação literária indígena.

No suporte escrito, comumente o livro, a literatura produzida por povos originários passa a fazer uma reflexão de língua, e a simples escolha da língua de publicação determina quem terá o acesso ao livro. Se escrito em uma língua minoritária e presente apenas em uma pequena comunidade, o número de pessoas de fora que terá acesso é baixo, o que ajuda a explicar a permanência da tradição oral nas comunidades e a vigência de uma tradição escrita e do uso do português para publicações.

Literatura de povos originários e sociedade

Apenas na Constituição de 1988 a sociedade brasileira, formada a partir do processo de colonização, reconhece em sua lei a autonomia dos povos originários, quase cinco séculos após o início do processo genocida de exploração que dizimou populações inteiras. Esse avanço é resultado da mobilização de povos originários em sua luta por direitos e por suas terras, mas não representou uma mudança imediata para eles. As medidas políticas são resultado de um debate feito na sociedade e do reconhecimento de uma demanda social, já a sua aplicação por meio da lei demanda instituições capazes, pesquisa, diálogo, luta popular e respeito à autonomia e à autodeterminação dos povos.



Protesto realizado no início de 2019, na cidade de São Paulo.

Os conflitos entre a sociedade brasileira ocidentalizada e os povos originários ecoam tanto no reconhecimento de sua literatura – primordialmente oral e agora sendo publicada em forma escrita – quanto nas concepções que definem a vida em sociedade e na forma de enxergar o mundo. Esse conflito para o reconhecimento de seus direitos é também presente no reconhecimento de sua literatura, já que a tradição literária ocidental, não sendo fundada nas mesmas bases da literatura de povos originários, reluta em aceitar outras formas de literatura e de entendimento do mundo que fogem à caracterização dessa tradição vigente.

O antropólogo e político Darcy Ribeiro estimou em seu livro *Culturas e línguas indígenas no Brasil*, publicado em 1957, o desaparecimento de 80 povos indígenas entre o início do século XX e sua metade, indicando que 80 culturas diferentes entre si perderam-se no violento passado brasileiro, todas de tradição oral e muitas sem registros escritos próprios.

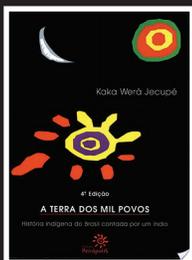
A literatura de povos originários, ou indígenas, é tão heterogênea quanto a literatura ocidental, visto que suas tradições são independentes umas das outras, configurando um espectro vasto de mitos, cantos, canções e poemas. A cultura da qual a obra parte acaba por fornecer elementos para um entendimento mais aprofundado, haja vista os valores dessas sociedades e a sua compreensão de mundo serem em sua maioria diversos e estarem presentes em suas criações artísticas. Pelo contato com essas literaturas, podemos imergir em outras formas de conceber o mundo, tão possíveis quanto reais, mesmo que drasticamente diferentes. Elas nos fornecem ferramentas para entender que a nossa maneira de viver é apenas uma dentre milhares, e que a experiência humana varia profundamente em seu cerne com base no pertencimento a uma cultura. Central a essa experiência é o poder de imersão da literatura e de suas formas, que reside na imaginação e em sua potência, inseparável da condição humana. Esse vivenciar de outras perspectivas nos direciona a repensar o nosso próprio ponto de vista, já que essa investigação nos leva à recomposição de paradigmas, nos reestruturando pela nossa incompletude.



Ayrton Andress de Paula Chavez é bacharel e licenciado em Letras com habilitação em português e alemão pela Universidade de São Paulo (USP). Trabalha junto à organização És Tu Ventana Abierta a Iberoamérica, na qual pesquisa organizações não governamentais, algumas relacionadas aos direitos de povos originários na América Latina. Leitor ávido de literatura contemporânea, pesquisa atualmente a literatura em contextos de educação formal e a formação de leitores.

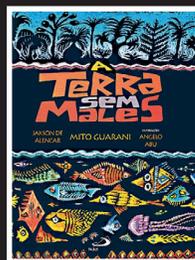
A cultura indígena por meio da literatura

Para além dos livros de história, a literatura permite o contato com aspectos culturais indígenas que só o olhar dos próprios nativos é capaz de proporcionar.



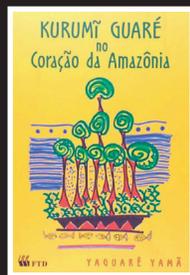
A terra dos mil povos: história indígena do Brasil contada por um índio, de Kaka Werá Jecupé. São Paulo: Peirópolis, 1998 [Série Educação para a Paz].

Desvende a trajetória indígena no Brasil e saiba mais sobre a força da tradição oral em sua formação e a contribuição dos povos tribais ancestrais na construção do nosso país.



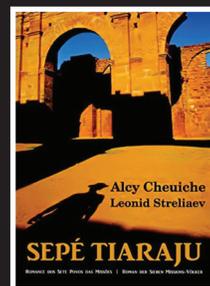
A terra sem males: mito guarani, de Jakson de Alencar. São Paulo: Paulus, 2009 [Coleção Mistura Brasileira].

Conheça o mito guarani da terra sem males e entenda as especificidades da cultura desse povo, suas lutas e a diversidade indígena no Brasil.



Kurumi Guaré no coração da Amazônia, de Yaguare Yamã. São Paulo: FTD, 2007.

Faça uma viagem entre a contação de histórias infantis, transpostas da oralidade, e os símbolos do povo maraguá, em uma composição poética que navega entre a escrita e os grafismos tradicionais.



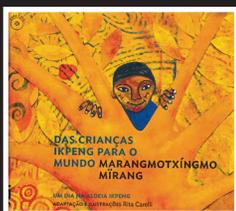
Sepé Tiaraju: romance dos Sete Povos das Missões, de Aley Cheuiche. Porto Alegre: AGE, 2012.

Contemple, pelos olhos de um padre jesuíta, a história do herói Sepé Tiaraju, guerreiro indígena do Sul do Brasil, no contexto de colonização.



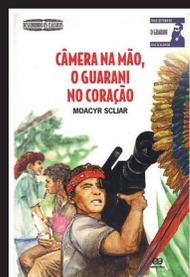
O Karaíba: uma história do pré-Brasil, de Daniel Munduruku. Barueri, SP: Manole, 2010.

Descortine a história dos povos originários em uma terra que ainda não se chamava Brasil, mas que já antecipava as mudanças vindas pelo contato com o europeu por meio de uma profecia que previu a chegada de “um grande monstro”.



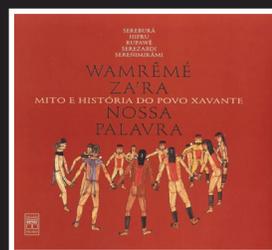
Das crianças ikpeng para o mundo Marangmotxíngmo mirang, de Rita Carelli (Adaptação e ilustrações). São Paulo: CosacNaify, 2014 [Coleção Um Dia na Aldeia].

Mergulhe em uma narrativa que descreve 24 horas em uma aldeia ikpeng, para compreender sua cultura ancestral e as mudanças ocasionadas após o contato com os europeus.



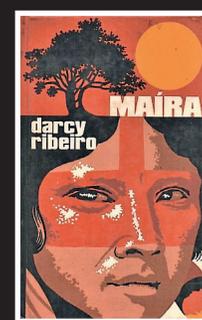
Câmera na mão, o guarani no coração, de Moacyr Scliar. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2008.

Entenda o que motivou o narrador dessa história a ler *O Guarani*, de José de Alencar, e como a leitura o fez perceber estereótipos, realidades sociais e contextos culturais.



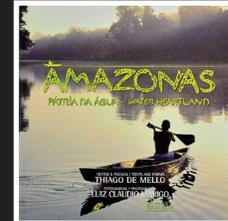
Wamrémé Za'ra: nossa palavra – mito e história do povo xavante, de Sereburã Hipru; Rupawê; Serezadbi; Sereñimirâmí. São Paulo: Editora Senac, 1998.

Vislumbre um panorama histórico que vai do século XVI ao XX por meio das histórias contadas pelos velhos sábios das tribos.



Maíra, de Darcy Ribeiro. São Paulo: Global, 2014.

Conheça uma história de entrelaçamento cultural entre um índio que se torna sacerdote cristão e uma jovem carioca que vive com os índios.



Amazonas: pátria da água = water heartland. Textos e poemas, de Thiago de Mello. São Paulo: Boccato, 2007.

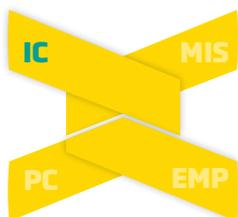
Seja conduzido pelas águas do Rio Amazonas e navegue pela sua história e pela daqueles que por ele passaram, conhecendo, sobre tudo, os cantos dos índios, suas angústias e sofrimentos, bem como a esperança que carregam de que a vida ainda pode ser salva.

Obtenha informações detalhadas sobre diversos povos originários brasileiros no site Povos Indígenas no Brasil:



<http://ftd.li/s4b5hs>

Fonte: Dez obras para conhecer a literatura indígena. **CartaCapital**, 14 jan. 2016. Educação. Disponível em: www.cartacapital.com.br/educacao/dez-obras-com-a-tematica-indigena. Acesso em: 27 nov. 2019.



> **Investigação
Científica**

Na literatura, o espaço narrativo se apresenta como uma representação refratada de uma realidade, dentro de um espectro que parte desde o mais abstrato até o mais concreto e em que o espaço pessoal do leitor colide com a narrativa, oferecendo novas possibilidades para pensar a vida.

Baseando-se nessa perspectiva dos espaços de representação, escolha um dos cinco projetos do *site* da Fundação Nacional do Índio (Funai), disponíveis em: <<http://ftd.li/at6bxw>>. Em seguida, discorra de forma a apresentar sua perspectiva sobre as diferentes literaturas produzidas por cada cultura e como elas refletem aspectos da sociedade de onde partem, comparando o projeto, sua descrição, seus títulos e os cantos em si. Considere também as possibilidades de acesso aos diferentes tipos de literatura que temos em nossa sociedade tecnológica.



Nesta atividade, espera-se que o aluno consiga reunir seus conhecimentos prévios sobre literatura ocidental de modo a articular uma proposta comparativa sobre como as diferentes sociedades imprimem suas marcas nas diferentes literaturas produzidas por seus povos.

Nos diversos cantos que podem ser escutados pelo aluno no *site* da Funai, existem diferentes momentos de uma prática social se implicando sobre a produção. No caso do Projeto Acalanto, por exemplo, existem diversas performatividades e momentos em que esses cantos aparecem. “Canto em Família”, “Estrofe para assustar” e até mesmo o político “Pedido de apoio para a BR-307” revelam a multifacetada intenção dos cantos.

Os vários tipos de literatura, como poesia, cantos ou prosa, estão amalgamados à sociedade que os produz, ao seu convívio, a seus conflitos e a suas perspectivas; os cantos sugeridos possuem, em sua maioria, um caráter ritualístico, como o canto da festa da colheita (Projeto Acalanto) ou o canto das crianças (Guarani), além de funções importantes presentes em canções de tradição oral na sociedade brasileira (canções de ninar para bebês, canções de ninar para crianças, parlendas etc.).

Primeiramente, é importante nesta atividade que o aluno entenda que é possível entrar em contato com essas literaturas também pela internet, de maneira simples. Em segundo lugar, que há uma pluralidade de culturas originárias que não podem ser enquadradas em apenas uma qualidade. Em terceiro lugar, que o aluno discorra sobre o modo de vida, a cultura e suas implicações na produção literário-cultural.

Esta atividade tem um viés introdutório, para que o aluno reúna os conteúdos com que teve contato previamente e explore no *site* da Funai os cantos, de modo que a produção na seção **Diálogo aberto** e os textos da seção **Contato imediato** devem mostrar-se presentes. A atividade propõe uma introdução a um projeto enunciativo, em que se inicia a compreensão de diferentes perspectivas sobre arte e sua relação com a vida e a sociedade, que pode ser desenvolvido ao longo das aulas.

Para a produção escrita, espera-se que os alunos tenham tempo suficiente para explorar o *site* da Funai e possam escutar um pouco de cada projeto, escolhendo um deles para o texto. A previsão de tempo de exploração é de aproximadamente uma aula após a leitura dos textos iniciais.

O desenvolvimento do projeto enunciativo dura, em média, de duas a três aulas, com reestruturações constantes. Apresenta-se a forma do projeto aos alunos (texto expositivo-argumentativo, com foco na comparação), incluindo também linguagem adequada, adequação temática e estrutura argumentativa, enfatizando a produção textual como uma maneira de expressão que formaliza a estruturação de argumentos.

Na BNCC:

- EMIFCG02
- EMIFLGG01
- EMIFLGG03

Conteúdos abordados:

- Literatura indígena;
- Tradição oral;
- Colonização no Brasil.

A arte e a vida: dinâmicas de representação

Neste ciclo de 2020, o **Articulação Itinerários LT** aborda temas que se relacionam às dinâmicas de representação que nos levam a crer que a arte imita a vida, e vice-versa, por meio do estudo de criações artísticas em seus contextos de produção e como reverberaram na sociedade de então, analisando seu caráter transcendental e de vanguarda com base no que refletem: a essência humana.

ARTICULAÇÃO

ITINERÁRIOS

FEVEREIRO | 2020 EDIÇÃO Nº 2

LINGUAGENS



Diretor de conteúdo e negócios

Ricardo Tavares de Oliveira

Diretor adjunto de Sistema de Ensino

Cayube Galas

Gerente editorial

Júlio César D. da Silva Ibrahim

Gerente de produção e design

Letícia Mendes de Souza

Editora

Cláudia Pedro Winterstein

Editor assistente

Thiago Costa de Oliveira

Coordenador de eficiência e analytics

Marcelo Henrique Ferreira Fontes

Supervisora de preparação e revisão

Adriana Soares de Souza

Preparação e Revisão

Equipe FTD

Coordenadora de imagem e texto

Marcia Berne

Pesquisa de Iconografia

Equipe de Iconografia

Coordenadora de arte

Daniela Di Creddo Máximo

Supervisor de arte

Fabiano dos Santos Mariano

Projeto gráfico

Bruno Atilli

Editora de arte

Bianca Giglio de Almeida

Créditos das imagens:

p.1. Renato Soares/Pulsar Imagens; p.2. celio messias silva /Shutterstock.com;
p.3. Daniel Favaro Jacobina/Shutterstock.com; p.4. Rubens Chaves/Pulsar Imagens;
p.5. Renato Soares/Pulsar Imagens; p.6. Edson Grandisoli/Pulsar Imagens;
p.7. Bernard Barroso/Shutterstock.com; p.8. PARALAXIS/Shutterstock.com, Arquivo pessoal;
p.9. TSALAMATIK/Shutterstock.com, Editora Paulus, Editora SESI-SP, Editora Peirópolis, Editora Ática,
Editora FTD, Editora SENAC - São Paulo, Editora Age, Editora Melhoramentos,
Editora Círculo do Livro, Editora Global